

## DEPOIMENTOS

# Da perda para a Protecção da Natureza de duas zonas no estuário do Sado (Tróia e Metrena)

---

PROF. C. M. L. BAETA NEVES  
*Engenheiro Silvicultor*

---

Por muito estranho que pareça a Protecção da Natureza perdeu ultimamente duas zonas, de grande interesse quanto às características naturais e culturais próprias, sem ter tido tempo nem condições para se bater pela sua defesa. O ataque foi quase repentino e a derrota surgiu de surpresa, como se tivesse caído numa emboscada.

Vir agora ao assunto poderá parecer assim um tanto despropositado, uma vez que já não há qualquer forma de evitar as consequências de tal perda; no entanto, em meu entender, do exemplo podem e devem ser tiradas umas tantas conclusões, cujo interesse, no sentido do futuro, inteiramente justificam o realce que lhe irá ser dado.

Desprezar o valor da experiência vivida e o significado dos factos que a traduzem, não tirar partido do exemplo por mais anómalo que possa parecer, seria agravar ainda mais essas consequências, minimizando-as (a usar uma forma mais moderna de dizer) na sua importância, perdendo assim mais uma oportunidade para justificar a orientação, dinâmica e ousada que a Protecção da Natureza, em Portugal como em muitos outros países, não pode deixar de ter.

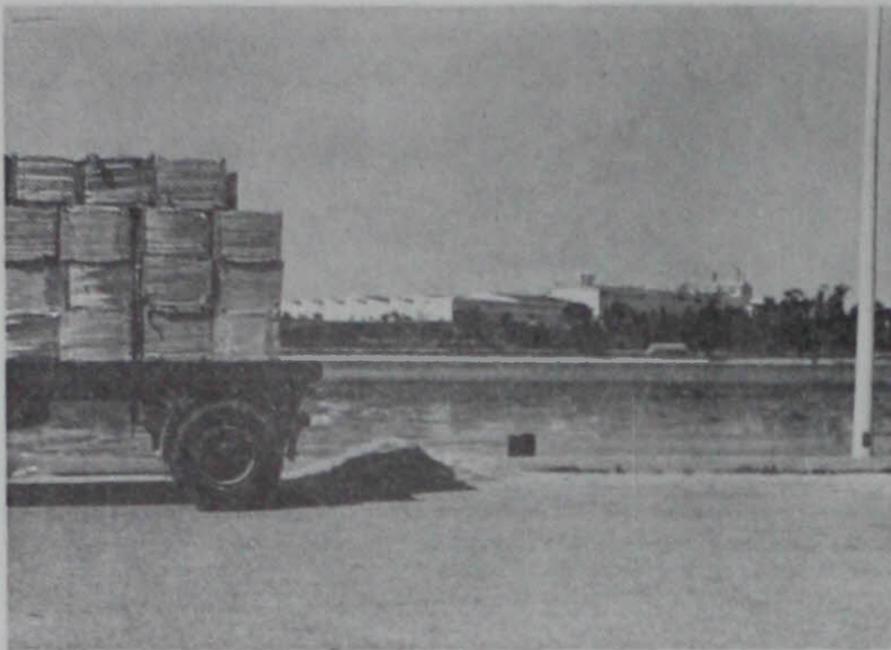
De resto era difícil admitir que um tão pequeno grupo de civis, mal armados e sem influências nos

meios próprios, pudesse vencer na luta que tivesse sido travada com tão modestos meios de combate, nomeadamente perante uma força contrária tão bem apetrechada, com recursos de toda a ordem para vencer em lutas de tal natureza.

A derrota era inevitável. De facto Portugal não pertence só àqueles que defendem a Protecção da Natureza e vêem o seu progresso através da mesma; Portugal também pertence a outros que entendem esse progresso de uma forma diferente defendendo, para o alcançar, uma orientação muito distinta. E pertence ainda a todos os outros, a esmagadora maioria, que não está nem de um lado nem do outro, aqueles que andam à mercê da propaganda, e das ilusões ou das realidades em que esta pretenda envolvê-los; maioria que no presente como no futuro sofrerá as boas ou as más consequências das resoluções que as entidades oficiais competentes forem tomando, mais a favor de um ou do outro ponto de vista, em relação ao melhor caminho para se atingir, tão rapidamente quanto possível, o tão desejado progresso, resoluções que têm muitas vezes uma influência decisiva neste último, embora nem sempre condizente com os superiores interesses do País.

★

Tróia foi uma cidade romana das mais afamadas da Península; quem desejar conhecer quanto a seu



Uma das origens da poluição local



Exploração ostreícola ameaçada

propósito foi possível vir a descobrir deverá ler o trabalho de Fernando Castel-Branco «*Aspectos e problemas arqueológicos de Tróia de Setúbal*», publicado no volume LXV da revista «*Ocidente*» (1963).

Aí encontrará o fundamento indispensável para a atitude crítica que queira vir a tomar em relação ao problema da Protecção da Natureza que está relacionado com a sua defesa, embora tendo de admitir a ampliação do seu âmbito até à Arqueologia e à História, como acontece em alguns países.

Segundo esse autor: *Está fora de dúvida que os Romanos criaram nos areais de Tróia uma cidade industrial destinada à preparação de conservas de peixe. As ruínas dessa cidade, embora exploradas apenas numa parte mínima, revelam-no por forma clara e segura.*

Defender Tróia, proteger Tróia, explorar, estudar e divulgar, tudo quanto fosse possível descobrir em Tróia, parece que devia ter sido o único caminho a seguir, mesmo no sentido do seu aproveitamento turístico.

Lembro-me sempre, a propósito do valor desses restos do passado, de uma excursão organizada para quantos tomaram parte no XI Congresso Internacional de Entomologia, realizada em Viena de Áustria em 1960.

Quem quis aproveitar a oportunidade inscreveu-se nessa excursão e lá foi, estrada fora, a caminho de um local onde se viam umas modestíssimas ruínas do que tinha sido uma povoação romana; mas o que para a Áustria é uma tão grande preciosidade digna de ser mostrada a cientistas estrangeiros, é para nós quase uma banalidade, e acima de tudo tais ruínas, em proporções, não têm qualquer comparação com Conimbriga por exemplo, nem com Tróia, mesmo no estado actual da sua incompleta exploração.

Mas por termos tanto, damo-nos ao luxo de esbanjar, até ao ponto, segundo informação recente, de haver uma espécie de contrabando de preciosidades arqueológicas!...

Tróia não era só o que estava à vista e quanto mais viesse a ser possível descobrir desenterrando-o, era também o ambiente próprio do local e da paisagem onde se encontrava.

E se pode estar de algum modo garantida a defesa do que ali existe e venha agora a ser descoberto durante as obras que estão a ser feitas, nada disso chega, nada compensa a destruição total e completa desse ambiente. Não há interesses colectivos actuais que possam, de qualquer modo, justificar o que, do ponto de vista cultural, não tem qualquer justificação possível, e tanto em relação ao presente como em relação ao futuro.

Tróia era ainda notável pela sua vegetação, a qual também não irá resistir às transformações consequentes dessas obras; chegou mesmo a ser englobada, com plena justificação, na área inicialmente estabelecida do «Parque Nacional da Península de Setúbal».

A batalha de Tróia perdeu-se sem combate; julgava-se inexpugnável pela sua própria natureza, pelo seu valor arqueológico extraordinário, mas a sua conquista foi fácil.

Tróia foi, mais uma vez vencida pela surpresa, mesmo sem cavalo, perdida pela excessiva confiança, pela boa-fé de quantos ainda se deixam iludir pelas aparências.

★

Quem, em eras remotas, demandava a foz do Sado e entrava no seu estuário, teria à esquerda e à direita, a bombordo e a estibordo, uma paisagem natural maravilhosa, a Serra da Arrábida de um lado e Tróia do outro, mas ao longo do tempo tudo se foi modificando.

A certa altura nasceu Setúbal e mais tarde apareceu o convento na serra, e embora a presença humana começasse assim a surgir de forma cada vez mais evidente, mesmo assim, até à instalação das fábricas de cimento e das restantes dentro do estuário, a paisagem era ainda uma maravilha.

Mas iniciado esse período de progresso, progresso à maneira como ele é mais vulgarmente compreendido e defendido, essa paisagem veio perdendo cada vez mais o seu aspecto natural e a beleza própria, e hoje está já longe de ser o que foi, e de quanto virá a ser depois de terminada a ocupação turística de Tróia segundo a orientação escolhida e depois de instaladas mais indústrias e o maior estaleiro da Europa no interior do estuário.

Nessa altura o estuário do Sado ficará irreconhecível e praticamente destruído em relação ao seu interesse para a Protecção da Natureza, embora possa representar um bom, ainda que lamentável, exemplo das nefastas consequências de não ter sido atendida nos seus conditionalismos mais justos e de maior interesse colectivo; ou, segundo o critério e os interesses de alguns, terá sido antes muito valorizado para benefício de Setúbal e do País, dirão esses em total e completa oposição de opiniões.

Sempre tenho ouvido dizer que «no meio está a virtude» e admitindo que a Protecção da Natureza possa por vezes exagerar numa visão parcial dos problemas (embora o não julgue), ainda aceito que pudesse haver uma solução aceitável para ambas as partes no sentido de um aproveitamento económico mas rendável (também para usar uma linguagem mais actualizada), mas para tanto seria necessário que também os entusiastas do progresso industrial e turístico, menos interessados na Protecção da Natureza, viessem a meio caminho, procurar um entendimento que salvaguardasse todos os interesses em causa.

Não foi infelizmente assim; o estuário, depois das «testas de ponte» ali instaladas, foi tomado de assalto e quase de surpresa.

Quanto às forças mobilizadas não podia a Protecção da Natureza fazer nada para além, se tivesse tido tempo e recursos para isso, de uma defesa simbólica, à maneira dos gestos heróicos de alguns dos nossos antepassados que tanto se valorizaram sucumbindo inglòriamente em situações desesperadas mas dando exemplos raros e inigualáveis de dedicação a uma causa.

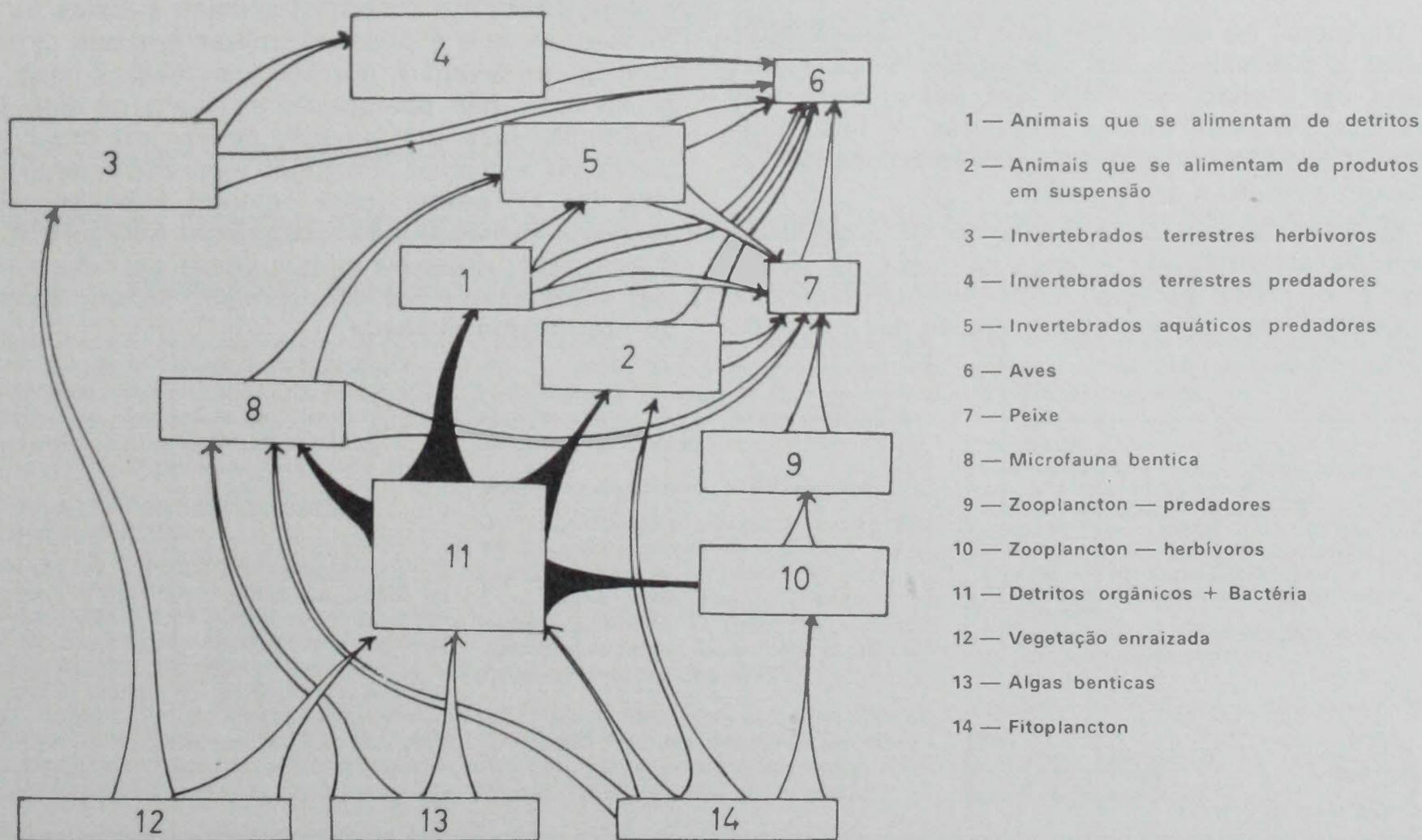
★

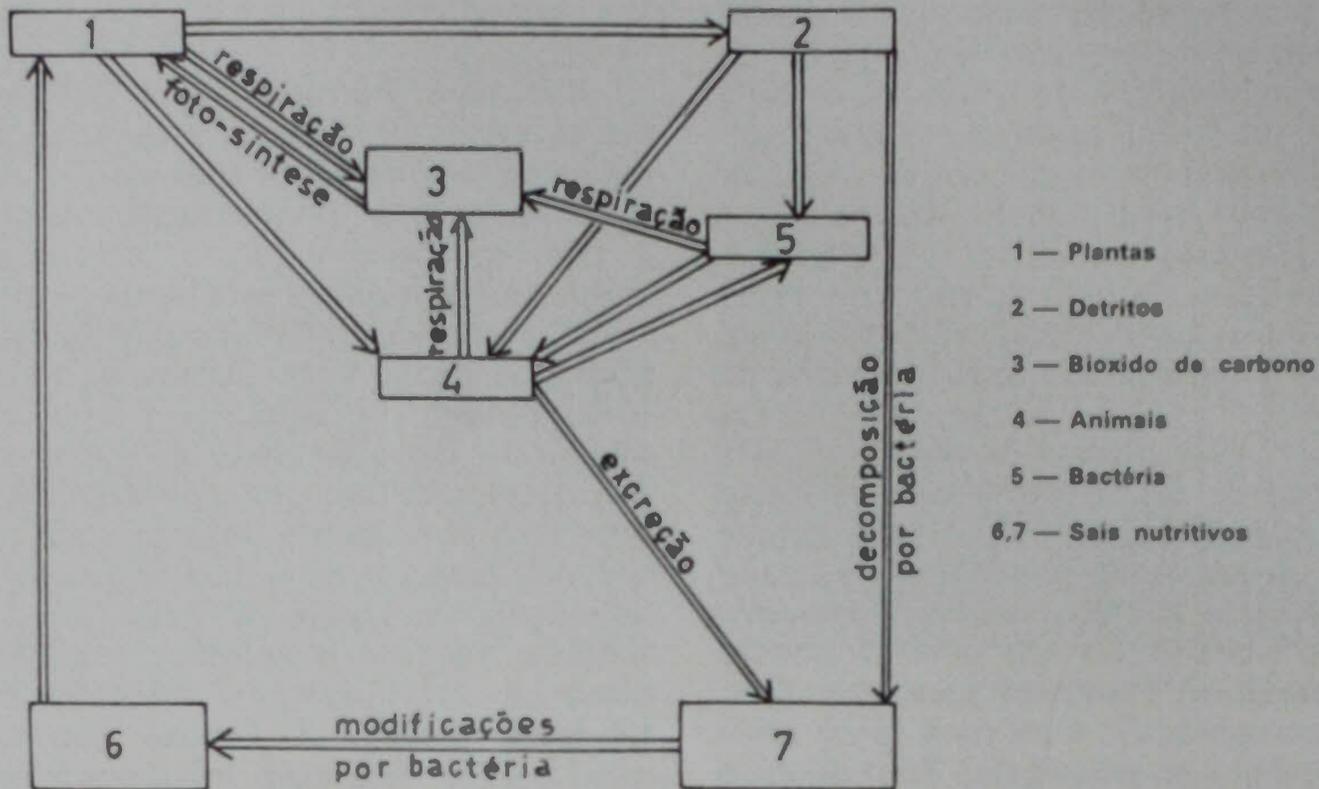
Pois bem, Portugal não é rico em sapais, nem em estuários; Portugal é procurado por uma fauna ornitológica migradora que vive, durante períodos mais ou menos longos nessas «zonas húmidas».

Os sapais têm ainda um interesse excepcional pelas relações existentes entre a fauna marinha das águas próximas e a fauna própria, relações que os gráficos tirados da obra de J. Green «*The Biology of Estuarine Animals*» (1968) demonstram tanto no caso da fauna aquática como da ornitológica; os sapais do Tejo estão reduzidos a uma área já bastante limitada, que nesta altura se procura reservar pela sua indispensabilidade bio-ecológica; os sapais, do Sado como parte dos anteriores, além de já sofrerem a acção poluidora da presença das indústrias próximas, ocupados pelo tal estaleiro maior da Europa, irão sofrer ainda, no que deles restar, mais influências nefastas e contrárias ao papel bio-ecológico fundamental que representam; restarão os sapais da costa algarvia, nomeadamente na região de Faro, se dessa ou de outra forma não vierem a ser ocupados e alterados nas suas características naturais.

Da exploração ostréicola do estuário do Sado já nem vale a pena falar; sacrificada a do estuário do Tejo, sê-lo-á agora esta outra, pois os interesses materiais em causa nada valem perante o vulto dos investimentos das novas formas de exploração desse estuário, ainda que só pelas suas condições geográficas e não pelos Recursos Naturais próprios.

Há mesmo quem defenda que socialmente essa exploração não tem defesa possível, quer perante





as realidades actuais quer perante as vantagens que o futuro oferece à mão-de-obra que vá fazer obter o máximo rendimento desses investimentos.

Acabar com ela representa até um progresso social, como se não fosse possível corrigi-la dos defeitos que apresentasse para ser possível mantê-la...

Não, «para grande males grandes remédios»; seria ridículo fazer depender tanto de tão pouco.

E quanto à fauna, às Aves, aos Peixes, aos Moluscos, aos Crustáceos e todas as outras espécies animais e vegetais que existam e possam vir a ser prejudicadas ou mesmo exterminadas..., por amor de Deus!

★

De facto, há muito que já o concluí, além das muitas e diversas línguas que se falam nos vários países do Mundo, em cada um deles, além dos dialectos, há ainda formas diferentes de falar conforme a posição em que cada um se coloca em relação ao assunto a ser tratado.

Quando foi necessário escolher o local onde havia de ser instalada a nova refinaria de petróleos e o porto próprio, entre os estuários do Tejo e do Sado e Sines, quem teve de dar a opinião

sob o ponto de vista da Protecção da Natureza defendeu Sines para exactamente evitar a perda do que nesses estuários ainda restava num grau de conservação aceitável; conseguiu-se vencer nesta altura, mas já havia outra ameaça, o tal célebre estaleiro, e a Metrena caiu de um golpe perante a ofensiva entretanto desencadeada.

Perdida Tróia e perdida a Metrena, ficou Portugal mais pobre, por muito que representem os rendimentos que venham a ser obtidos como resultado dos empreendimentos turístico e industrial que venceram, praticamente sem luta, as dificuldades que a Protecção da Natureza podia ter levantado a tais iniciativas.

De nada teria valido aliás, de certa altura em diante, qualquer reacção; os interesses em causa, o ponto de vista defendido, a orientação seguida, os apoios de toda a ordem oferecidos e todas as outras armas que é possível utilizar em tais circunstâncias, tornavam a derrota inevitável. É isso que se lamenta, não por quanto se tenha perdido pessoalmente mas por quanto, apesar do muito que possa vir a ganhar, Portugal verdadeiramente perdeu, ou vai perder, para sempre; Portugal e não apenas a Protecção da Natureza, o que se não esqueça, ainda que para muitos possa ser uma afirmação inteiramente despropositada, incompreensível ou até mesmo suspeita. ■